



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

**“PORTUGAL FICA EM FRENTE”:  
RUY BELO EM BUSCA DE UM NOVO DIA**

**LUCAS PEREIRA PESSIN**

Rio de Janeiro  
2021

LUCAS PEREIRA PESSIN  
DRE: 118044556

“PORTUGAL FICA EM FRENTE”:  
RUY BELO EM BUSCA DE UM NOVO DIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação Português-  
Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Sofia Maria de Sousa Silva

Rio de Janeiro  
2021

## FOLHA DE AVALIAÇÃO

LUCAS PEREIRA PESSIN

DRE: 118044556

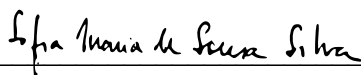
“PORTUGAL FICA EM FRENTE”:

RUY BELO EM BUSCA DE UM NOVO DIA

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português-Literaturas.

Data da avaliação: 17/01/2022

Banca Examinadora:



Nota: 10

Profa. Dra. Sofia Maria de Sousa Silva — Presidente da Banca Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Nota: 10

Profa. Dra. Teresa Cristina Cerdeira da Silva — Leitora Crítica  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Média: 10 (dez)

### CIP - Catalogação na Publicação

PP475" Pessin, Lucas Pereira  
"Portugal fica em frente": Ruy Belo em busca de um novo dia / Lucas Pereira Pessin. -- Rio de Janeiro, 2021.  
46 f.

Orientadora: Sofia Maria de Sousa Silva.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2021.

1. Literatura Portuguesa. 2. Ruy Belo. 3. Poesia. 4. História . I. Silva, Sofia Maria de Sousa, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Esta monografia foi escrita num tempo muito difícil para todos, então é fundamental deixar registrado a minha gratidão e o valor de quem esteve comigo ao longo dos meus 4 anos de graduação.

Agradeço, sempre em primeiro lugar, a toda minha família, sobretudo aos meus pais pela valorização da minha educação e da minha formação acadêmica, além dos subsídios para que eu pudesse iniciar e concluir a minha graduação.

Meu imenso agradecimento à UFRJ que, desde o meu ingresso no 1º semestre de 2018, proporcionou-me experiências únicas, amigos para a vida, ensinamentos e aulas que levarei para sempre em meu coração. Eu, com muito orgulho, sou e sempre serei UFRJ.

A todos os amigos que fiz na universidade, especialmente aos meus companheiros, Rodrigo Dutra, Yan Blyth, Gabriel Valle, Hugo Espinheira, Lucas Passos, Pedro Ferreira e Otávio Guimarães. Também agradeço à minha querida Matthielle por todo carinho e acolhimento e à Manoela Villa Verde, minha grande parceira na Faculdade de Letras desde a primeira semana de aula. Muito obrigado por fazerem da minha graduação uma experiência nem um pouco solitária, sou muito grato por ter tido a honra de caminhar com vocês pelos corredores da UFRJ, pelas salas virtuais dos períodos remotos e pelas ruas afora.

Ao meu grande amigo Mário Afonso de Moura Júnior, da Universidade do Minho, por todas nossas conversas e reflexões sobre diversos assuntos. Orgulho-me todos os dias de você e de ser seu amigo.

Em especial, agradeço à Sofia de Sousa Silva, essencial na minha formação, não somente por ter orientado este trabalho, mas também por ser a professora que me fez, pela primeira vez, sentir de fato a minha paixão pela Literatura Portuguesa ao ponto de mudar os rumos da minha trajetória acadêmica.

À professora Teresa Cristina Cerdeira pela leitura atenta e pelos comentários tão generosos que enriqueceram este trabalho e que me motivaram ainda mais a permanecer no universo acadêmico da Literatura Portuguesa.

Ao grupo de pesquisa em poesia portuguesa contemporânea, pelo apoio ímpar com o material, e também pelos ótimos e inspiradores encontros que tivemos.

Aos docentes do setor de Literatura Portuguesa da UFRJ pelas trocas, pela cordialidade, pelo profissionalismo e pelas aulas que mantiveram a minha paixão acesa.

Aos meus queridos companheiros de monitoria de Literatura Portuguesa. É sempre uma honra trabalhar ao lado de vocês!

*Este trabalho é dedicado à memória dos meus  
egrégios avós portugueses, Porfíria Rosa de  
Jesus Paulo Pereira e Venceslau da Costa  
Pereira, que, testemunhas da miséria,  
desembarcaram no Brasil acompanhados da  
saudades e das lembranças de uma terra tão  
amada.*

*Chove sobre nós o tempo, o tempo nos afoga.*

José Saramago

*Assim que pela História eu me aventuro e alargo*

Cesário Verde

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. EM BUSCA DE UM NOVO DIA.....	11
3. AS RUÍNAS DE UM PAÍS MORTO NO MAR.....	17
3.1. O (vazio) país do luto.....	18
3.2. Alienação e os mortos sem rostos .....	25
3.3. O que resta a Ruy Belo?.....	33
4. O PAÍS DOS SONHOS.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44



## 1. Introdução

No fim dos anos 60, Ruy Belo escreve: “Portugal fica em frente” (BELO, [1969], p. 37). O verso presente em “Sexta-feira sol dourado”, publicado em *Homem de palavra[s]* e em *País possível*, sugere um caminho a ser feito para chegar ao país, pressupondo um ponto de partida e outro de destino. Assim, este trabalho apresenta a busca de Ruy Belo por um dia diferente, isto é, o movimento que o poeta faz em sua poesia a fim de adentrar o novo dia, “O português futuro”.

Para a realização desta pesquisa, foram selecionados quatro poemas, respectivamente: “Desencanto dos dias”, “Portugal sacro-profano — lugar onde”, “Morte ao meio-dia” e “O português futuro”. Dos poemas escolhidos, três compõem o *País possível* (1973), livro que reúne poemas anteriormente publicados de caráter político oriundos do sentimento de revolta com a realidade (cf. BELO, [1978], p. 17). Entretanto, “Desencanto dos dias”, poema de *Aquele grande rio Eufrates* (1961) que não faz parte de *País possível*, tem sua importância por provar que as inquietações políticas de Ruy Belo estão presentes desde o primeiro livro, portanto, são uma constante em toda sua obra poética.

Sendo assim, começamos com a leitura de “Desencanto dos dias”. O pequeno poema direciona nosso olhar para a decepção que acompanha não só o poeta, mas também um significativo número de portugueses em relação ao seu presente. No poema, Ruy Belo parece questionar até mesmo o sentido de fazer poesia num país de tantas decepções e dificuldades, mostrando que seu ofício é cercado por incertezas e decepções. Com isso, esse poema introduz alguns pontos importantes sobre a poética beliana e sobre o contexto em que o poema foi escrito. “Desencanto dos dias”, por fim, está estruturado como um caminho rumo ao dia diferente, propondo reflexões que interessam a esta pesquisa.

No decorrer das reflexões a partir da leitura do poema de *Aquele grande rio Eufrates*, além do estudo da obra e da fortuna crítica, identificamos a existência de duas faces de Portugal em dois planos diferentes. Durante a interpretação do poema, ficou aparente que Ruy Belo, ao se questionar sobre o papel da poesia, em certo momento, propõe um corte entre realidade e literatura, de modo que esses campos não estejam alinhados em toda a sua obra poética.

Ao pensar Portugal na obra beliana, esse corte acontece. Há, em vários poemas, a descrição do país miserável e a denúncia política, atribuindo uma face sociopolítica a Portugal, marcada pelo alinhamento com o cotidiano e com os fatos da História. No entanto, existe dentro

da poesia um *outro* Portugal que se afasta dessa realidade sociopolítica, apresentando-se como um país dos sonhos, edificado a partir da imaginação das crianças, lugar onde o “puro pássaro é possível”. Logo, esta pesquisa lida com a interação entre o plano da realidade sociopolítica e o plano da imaginação, a fim de evidenciar que o ponto de saída é o Portugal da realidade sociopolítica e o ponto de chegada é o país da imaginação, que fica em frente.

O ponto de saída, já conhecido por seu caráter político, é a realidade sociopolítica à qual pertencem poemas cujo conteúdo enfatiza sentimentos muito negativos em relação ao tempo presente e ao estado de abandono em que a terra se encontra. É importante ressaltar que Ruy Belo escreveu durante a ditadura do Estado Novo, regime político que emergiu em Portugal em meados dos anos 20 e só terminou com a Revolução dos Cravos em abril de 1974. Nessa face, encontramos versos muito atentos ao deplorável cotidiano vivenciado pelos portugueses, fato que sustenta a condição de desistente assumida pelo poeta. Nesses poemas, abordam-se temas como censura, emigração, abandono e morte. Neles, sobretudo a alienação promovida pelo regime ocupa uma posição de destaque.

Com efeito, este trabalho traz a leitura de outros dois poemas que compõem a descrição da realidade sociopolítica: “Portugal sacro-profano — lugar onde” e “Morte ao meio-dia”. O primeiro lida com questões relativas, principalmente, à alienação e à emigração, elementos determinantes para fundamentar a descrição de Portugal como um país em que não acontece nada. Corroborando as reflexões presentes nos versos de “Lugar onde”, “Morte ao meio-dia”, um dos mais célebres poemas de Ruy Belo, ao criticar severamente a alienação do “homem novo” promovida pelo salazarismo, tem como tópico principal a banalização da morte nesse país hostil ao ponto de os falecidos não terem rostos.

Segundo o historiador Fernando Rosas, “o homem novo” diz respeito ao português submetido ao processo de reeducação proposto pela ditadura, isto é, ao projeto de alienação social que prezava pela orientação ideológica dos portugueses, de maneira que houvesse uma unicidade política em Portugal (cf. ROSAS, 2008, p. 31). Assim, “o homem novo” é o indivíduo alienado pelo regime, que segue à risca os valores morais amplamente difundidos pelos veículos de informação e propaganda, questão a ser abordada na leitura desses dois poemas selecionados. Nesse sentido, notamos a relevância da História para a construção das reflexões e das leituras dos poemas, sendo esta a linha de pensamento que nos acompanhará até o fim deste trabalho.

Os três poemas citados acima, acompanhados de outros que também marcam presença nas análises, não apenas evidenciam seu teor político, como versam sobre a frustração e a desilusão com a realidade. Munido desses amargos sentimentos, o poeta direciona o seu ofício à procura de um “país encantado”, estimulando a busca por um dia diferente. Desta maneira, além de apontarmos o compromisso ético da literatura beliana, indicamos também a importância que o país tem para Ruy Belo, o que permite evocar Manuel Gusmão quando afirma: “o leitor de Ruy Belo sabe a seu modo a importância da <<terra>> ou da <<pertença à terra>> na sua poesia” (GUSMÃO, 2010, p. 464).

Por sua vez, o ponto de chegada simboliza o rompimento com a realidade sociopolítica, ao utilizar o plano da imaginação para edificar o país futuro totalmente repaginado. Assim é que a última parte do trabalho se volta para a análise de “O Portugal futuro” e para o modo como o poema apresenta a construção de um lugar “aonde o puro pássaro é possível” pela imaginação da criança, através da pureza e da fragilidade de um desenho infantil. A chegada ao país possível é também uma chegada à infância, sendo isto uma constante procura na literatura beliana. A poesia de Ruy Belo não se limita à descrição da realidade, e, nesse sentido, não deve ser vista como uma panfletagem política ou como um espaço unicamente denunciativo.

Essa denúncia política, que faz parte do compromisso que Ruy Belo tem com o seu país, pressupõe pensar o seu ofício como forma de dar a Portugal um novo tempo regido pela liberdade e pela pureza relacionadas à imagem das crianças. Contudo, como se verá, a denúncia não é o objeto final da poesia, pois a literatura de Ruy Belo ultrapassa a realidade miserável e adentra o mundo da utopia descrito em “O Portugal futuro”. Desprovido de qualquer tipo de absoluto, o poeta põe em discussão o país e, com ele, tecem-se questionamentos acerca de ser um português nos anos 60 e de estar exposto aos conflitos que o atravessam e que incluem a banalidade da morte, a alienação e a relação com a Igreja.

Propomos, por fim, uma leitura que estreita os laços entre texto e contexto. Em especial, damos atenção à importância que Portugal tem para o poeta que, ao testemunhar o peso de um lugar onde nada acontece, caminha para edificar um país repaginado dos “ramos à raiz”, um Portugal que, nas suas próprias palavras, “fica em frente”.

## 2. Em busca de um novo dia

Com base na leitura de “Desencanto dos dias”, buscamos evidenciar a presença de um caminho a ser feito para chegar àquele dia diferente, ao “portugal futuro”. Nesse trajeto, passaremos por questões importantes acerca da literatura de Ruy Belo e do contexto histórico vivenciado, demonstrando que o poema traz à luz duas faces de Portugal: a grande angústia com a realidade sociopolítica, o ponto de partida e o país dos sonhos, o ponto de chegada.

### DESENCANTO DOS DIAS

Não era isto afinal que esperávamos  
 não era este o dia  
 Que movimentos nos consente?  
 Ah ninguém sabe  
 como ainda és possível poesia  
 neste país onde nunca ninguém viu  
 aquele dia diferente  
 (BELO, [1961], p. 98)

A musicalidade já presente no título desse breve poema se tece a partir de uma tripla aliteração, com a repetição da oclusiva /d/, o que nos faz intuir a importância desses efeitos sonoros na estilística de Ruy Belo. Aliás, o exercício da aliteração ocorre tanto dentro de um verso como também entre os versos, mostrando o cuidado do poeta com a forma e com a estética.

Vale sugerir que tanto a aliteração quanto a assonância, para além de se constituírem como recursos estilísticos dos significantes, são também uma forma de conexão entre as palavras do poema, já agora no nível do significado. Sendo que a aliteração é uma forma de aproximar palavras, dando-lhes uma característica em comum, o “desencanto” tem um pouco de “dias” e os “dias” têm um pouco de “desencanto”.

Destacamos a assídua repetição das consoantes nasais, /m/ e /n/, no poema. Observemos atentamente as palavras em negrito:

### DESENCANTO DOS DIAS

**N**ão era isto afinal que esperávamos  
**n**ão era este o dia  
 Que **m**ovimentos nos **c**onsente?  
 Ah **n**inguém sabe  
 como **a**inda és possível poesia  
 neste país **o**nde **n**unca **n**inguém viu  
 aquele dia **d**iferente

Vemos, agora, com mais clareza que a aliteração é uma forma de conectar todo o poema. No caso específico da nasalização, ela resulta na produção de sons mais velados, prolongados, conforme aponta Nilce Sant’Anna Martins, imprimindo uma maior lentidão e melancolia ao texto (cf. MARTINS, 2005, p. 53). Relacionamos, portanto, o alongamento dos sons vocálicos com a durabilidade do tempo presente, de modo a reforçar a lentidão para a chegada do novo tempo e, claro, alongando a ideia de desencanto com a terra.

Os recursos sonoros funcionam também como uma ligação entre as palavras, contribuindo para a unidade do poema (cf. MARTINS, 2005, p. 59), de modo que os fonemas repetidos com suas variantes assumem o papel das articulações sintáticas, conectando palavras e orações, e harmonizando o poema. É importante referir que do lado oposto das nasalizações há a clareza entrevista e reiterada na rima dia/poesia, justificando afinal que o poema está estruturado como um caminho para o novo dia, caminho difícil, prolongado, “nasalizado”, mas possível.

Observemos, pois, com atenção as posições dos sintagmas “Desencanto dos dias” e “dia diferente”, ambos unidos pela aliteração de /d/, respectivamente no título e no último verso. Ou seja, o poema começa no dia desencantado e termina no novo dia que até então só o poeta é capaz de prever (“ninguém sabe”), a partir de um nítido desejo por mudanças que devolvam clareza ao poema e ao país. O pronome “aquele” que antecede o “dia diferente” é um demonstrativo usado para apontar algo distante de quem fala e de quem escuta, mostrando que entre o desencanto e a renovação há um longo trajeto a ser feito, mas que já existe na utopia do poeta, para quem, no presente “nasalizado”, a própria existência da poesia parece incongruente, (“como ainda és possível poesia?”).

O caminho do título ao último verso é recheado por dúvidas e incertezas quanto ao papel do ser humano e da poesia nesse país de tantas dificuldades como está registrado nos últimos versos. Isso demonstra que a poesia de Ruy Belo é desprovida de qualquer tipo de absoluto ou de certezas, sendo um espaço propício a mudanças e em constante metamorfose (cf. MALUFE, 2014, p. 10). A poesia, então, surge como fonte para mediar as duas faces de Portugal que aí nos aparecem: a do presente e a do futuro, respectivamente, a da realidade sociopolítica e a do país possível, da melancolia das nasais para a clareza do “dia diferente” onde também a “poesia” cante em vez de ser “desencanto” (ausência de canto/de encanto), direcionando nosso olhar para a terra, para o país e para a relação desses elementos em “Desencanto dos dias”.

Já em outro poema, de *Homem de palavra[s]*, intitulado “Um dia não muito longe não muito perto”, vemos antes o descontentamento do poeta com os dias: “Às vezes sabes sinto-me farto/por tudo isto ser sempre assim/Um dia não muito longe não muito perto” (BELO, [1969], p. 75). O sentir-se farto exprime a “posição de desistente” assumida, neste caso, por Ruy Belo, e o termo é usado por ele no prefácio à segunda edição de *Homem de palavra[s]* (cf. BELO, [1978], p. 22). Os versos citados referem um tempo que não está longe, mas também não está perto, e essa perda de uma orientação perto-longe torna o novo tempo incerto e indeterminado, como se não houvesse mais nada a esperar. Segue-se na mesma linha de significado o verso “por tudo isto ser sempre assim”, em que Ruy Belo justifica a sua desistência, que advém da falta de mudanças no tempo e no espaço. O poeta vive em um Portugal estagnado, uma terra sem metamorfose, que não progride. “Ser sempre assim” enfatiza a repetição dos dias, em um país em que não acontece nada, como também iremos ver em “Morte ao meio-dia”. No mesmo poema, Ruy Belo, por fim, escreve: “farei um esforço parece mas nada a fazer”, corroborando o sentimento de desistência e desesperança.

Retomando a leitura de “Desencanto dos dias”, notamos que o poema se inicia por uma desilusão com o espaço em relação ao tempo vivido. O primeiro verso, “Não era isto afinal que esperávamos”, exprime uma grande decepção coletiva, haja vista a flexão verbal de esperávamos. Assim o poema não fala unicamente sobre o poeta, mas dá a voz a um certo grupo de pessoas, a uma coletividade. Considerando o contexto, afirmamos ser um número muito significativo de vozes decepcionadas, porque, à medida que os anos passavam, a ditadura sofria cada vez mais rejeição de uma parte dos portugueses que lutavam para sobreviver à guerra, à miséria e ao abandono por parte das esferas públicas.

A ditadura de António de Oliveira Salazar ascendeu em Portugal sob a justificativa de recuperar o orgulho português, trazendo à tona a narrativa dos heróis do mar, evocando toda a carga mítica que a história portuguesa leva consigo. O salazarismo, apoiado em mitos e heróis patrióticos, pregava um ideal de reconstrução do país a fim de que a terra e os portugueses ressurgissem triunfantes na Europa, renascendo para o mundo. A realidade foi, contudo, o extremo oposto das utópicas e infundadas asserções de Salazar e de seus apoiadores: a terra não avançou e passou a ser um terreno inabitável para muitos portugueses, como sugere bem o poema “Lugar onde” de Ruy Belo.

Ainda nesse primeiro verso o pronome “isto”, que é um demonstrativo, aponta para toda a desgraça que recaía sobre Portugal durante aqueles anos de ditadura, mais especificamente a

partir dos anos 50, quando o país começou a sentir muito mais gravemente as consequências sociais, políticas e econômicas de um regime que parecia ainda longe de cair. A quebra de expectativa do primeiro verso é reforçada no segundo, “não era este o dia”, e põe em confronto as promessas e a realidade da terra abandonada.

Atentemos ainda ao verso seguinte: “Que movimentos nos consente?”. A pergunta é retórica, estimulando a reflexão sobre o modo de agir em meio à desgraça em que o país se encontra. É interessante salientar que os movimentos são castrados, ou apenas em parte consentidos, o que gera a falta de liberdade no direito de agir, de se movimentar, deixando implícita a censura política institucionalizada pelo poder.

E não se trata somente da censura, mas de toda a alienação do “homem novo” que o regime implementou durante a sua vigência. O fato de consentir exprime uma semântica de controle, de hierarquia, supõe alguém que exerce poder sobre outrem, pressupõe movimentos observados e autorizados por alguém. Vejamos: Que movimentos [você] nos consente? Há um destinatário para a pergunta. Por mais retórica que seja, ela vai direto para alguém que está no topo da hierarquia, capaz de impedir, autorizar e ditar ações.

Além de retomar o amargo sentimento de desistência, essa pergunta faz o poeta perceber que ele mesmo começa a questionar o seu próprio ofício (“como ainda és possível poesia?”). Nesse sentido, a pergunta também pode ser direcionada aos dias, como se o poeta interrogasse o próprio tempo em busca de um movimento de saída dessa realidade hostil. Assim, voltamos a afirmar que o dia não era o esperado, já que, por conta do verbo “consentir”, ele é visto como autoritário, pois priva o direito de agir em liberdade, remetendo-nos ao controle salazarista sobre a realidade portuguesa.

O verso seguinte não é uma resposta à pergunta, mas um lamento. Aliás, os quatro últimos versos fazem parte da mesma oração: Ah, ninguém sabe como ainda és possível poesia neste país onde ninguém nunca viu aquele dia diferente. Para os analisarmos, em primeiro lugar, temos que partir da definição de poesia para Ruy Belo.

No prefácio à segunda edição de *Aquele grande rio Eufrates*, Ruy Belo define poesia como “uma aventura na linguagem, por muito que os significantes possam significar” (BELO, [1972], p. 22). Concordamos com Manuel Gusmão quando ele afirma que a “aventura na linguagem” faz o poeta se assumir “como alguém que se expõe a um perigo ou se arrisca”

(GUSMÃO, 2010, p. 452), pois a “aventura” demarca uma ideia de imprevisibilidade nesse trajeto que atravessa também as emoções.

A poesia, então, é um ambiente de metamorfose, uma vez que a “aventura” gera um movimento por meio da experiência, isto é, como um trajeto a ser percorrido. Nesse caminho, que é a poesia, o poeta visa à constante edificação de um sujeito que, por ela, se vai construindo, experimentando ou transformando (cf. GUSMÃO, 2010, p. 452). Além do homem, sinalizamos que uma aventura representa um todo: um aventureiro — o sujeito —, um espaço e um tempo. Então, a metamorfose é um fenômeno que não se limita ao homem, pois ele é apenas uma parte da aventura, a mudança ocorre também ao redor, no tempo e na paisagem. Em outras palavras, à medida que o caminho vai sendo trilhado, o poeta não é o único a mudar. Uma aventura se dá pelo trânsito entre espaços diferentes em tempos diferentes, de modo que haja uma constante progressão.

Concluimos que o ideal da poesia de Ruy Belo é construído fundamentalmente por figuras que sejam capazes de mudar; assim como o homem, o espaço não deve ser estático, ele se submete ao movimento com o decorrer do tempo. Portanto, uma aventura na linguagem está condicionada a uma aventura na paisagem, no caso, a terra, o chão que é percorrido.

Voltando ao verso em forma de uma pergunta: Como ainda é possível, poesia, neste país em que a terra não muda? Se a poesia é metamorfose, ela entra em contradição com a realidade do país em que nada acontece. Portanto, recai sobre a poesia beliana um compromisso ético de atribuir a Portugal uma nova história, um futuro imaginário dos “ramos à raiz” e, para isso acontecer, o poeta parte do presente. “Desencanto dos dias” evidencia, assim, um corte entre a realidade e a poesia, que não estão totalmente alinhadas, propondo a presença de duas faces de Portugal.

Há de se considerar que Ruy Belo promove uma transparência do cotidiano vivido. No entanto, seu objetivo não é apenas o de descrever o que acontece na terra, nem pensar a poesia como uma panfletagem. Como o poeta diz:

A minha poesia é, em primeira linha, quotidiana, e refere-se imediatamente a um certo espaço «à transparência», como diria Sophia de Mello Breyner Andresen, e eles funcionam como membro expresso da metáfora que esconde um outro dia e um outro espaço. O homem tal como a arte o vê, não é só aquilo que é, mas também aquilo que será ou que poderia ser (BELO, s.d, p. 17).



O cotidiano é membro de uma metáfora, ou seja, é um elemento do discurso poético. Sendo assim, a denúncia da realidade sociopolítica não é o objeto final da literatura de Ruy Belo, haja vista que há em sua poesia um *outro* Portugal para onde se vai, “um outro dia e um outro espaço”. Nesse sentido, as críticas ao cotidiano são parte de um trajeto que “esconde um outro dia e um outro espaço”. É por meio das denúncias que o poeta justifica a sua desilusão com o tempo presente e também sustenta a sua busca por um país dos sonhos.

Notamos que o poema começa no desencanto e termina no dia diferente, reforçando que entre esses tempos há um trajeto de observação cujo resultado é uma desilusão com o próprio espaço e um presente de melancolia que expressa toda a sua angústia em relação ao tempo. O uso do plural em muitos versos do poema mostra, além da decepção generalizada, que o “dia diferente” será para todos, o que pressupõe um caminho coletivo, afastando-se da hierarquia e da relação de poder exprimida por “Que movimento nos consente?”. A poesia, que parece impossível no presente do desencanto, é, contudo, um ofício que permanece e que se alimenta da realidade até que chegue o dia de cantar um Portugal que segue rumo ao novo dia. É esse o caminho que traçamos a partir de agora.

### 3. As ruínas de um país morto no mar

O ponto de partida desse caminho à nova terra é justamente a terra do presente, da realidade sociopolítica. Como vimos no poema anterior, o trajeto começa na frustração, no desencanto e na desistência que o poeta sente em relação ao seu país. Para tal, propomo-nos a ler dois poemas de denúncia que abordam em seus versos as mazelas da terra portuguesa nos anos 60.

Começamos pelo poema “Lugar onde”, que dialoga claramente com as referências históricas por nele estarem descritas as consequências do salazarismo. O poema é parte de uma série iniciada em *Boca bilíngue* e terminada em *Homem de palavra[s]* chamada “Portugal sacro-profano”. Fazem parte dessa série, ao todo, sete poemas, cinco em *Boca bilíngue* e dois em *Homem de palavra[s]*. Quase todos eles apresentam subtítulos que indicam lugares muito específicos de Portugal situados em diferentes regiões. A combinação dos poemas abre margem para a interpretação da série como uma viagem a Portugal, cruzando-o de norte a sul. “Lugar onde” é o poema que nos apresenta o país como um todo, uma vez que a palavra “onde” referencia lugares físicos, sendo uma palavra acompanhante de verbos cuja semântica aponta permanência, falta de movimento.

Em seguida, o poema “Morte ao meio-dia” nos fala sobre a banalização de eventos trágicos, como a morte, mostrando o fracasso de Portugal como sociedade. O poema foi publicado em *Boca bilíngue* (1966), reescrito e republicado em *País possível* (1973), mas tem a sua mensagem muito presente: homenagear aqueles que morrem e morreram sem rostos, criticando diretamente a crueldade do regime e a indiferença da alienada sociedade. “Morte ao meio-dia”, que também refere fatos históricos em seus versos, ratifica o significado de “Lugar onde”, ambos encarregados de nos fazer enxergar uma terra arrasada, sem olhos e sem boca, onde nada acontece.

### 3.1 O (vazio) país do luto

PORTUGAL SACRO-PROFANO

*lugar onde*

Neste país sem olhos e sem boca  
 hábito dos rios castanheiros costumados  
 país palavra húmida e translúcida  
 palavra tensa e densa com certa espessura  
 (pátria de palavra apenas tem a superfície)  
 os comboios são mansos têm dorsos alvos  
 engolem povoados limpamente  
 tiram gente de aqui e põem-na ali  
 retalham os campos congregam-se  
 dividem-se nas várias direcções  
 e os homens dão-lhes boas digestões;  
 cordeiros de metal ou talvez grilos  
 que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?  
 Neste país do espaço raso do silêncio e solidão  
 solidão da vidraça solidão da chuva  
 país natal dos barcos e do mar  
 do preto como cor profissional  
 dos templos onde a devoção se multiplica em luzes  
 do natal que há no mar da póvoa do varzim  
 país do sino objecto inútil  
 única coisa a mais sobre estes dias  
 Aqui é que eu coisa feita de dias única razão  
 vou polindo o poema sensação de segurança  
 com a saúde de um grito ao sol  
 combalido tiritito imito a dor  
 de se poder estar só e haver casas  
 cuidados mastigados coisas sérias  
 o bafo sobre o aço como o vento na água  
 País poema homem  
 matéria para mais esquecimento  
 do fundo deste dia solitário e triste  
 após as sucessivas quebras de calor  
 antes da morte pequenina celular e muito pessoal  
 natural como descer da camioneta ao fim da rua  
 neste país sem olhos e sem boca  
 (BELO, [1969], pp. 33-34)

O lugar *onde* delimita o espaço em que o indivíduo se encontra, um “país sem olhos e sem boca”. O verso que inicia e que finaliza o poema nos apresenta a situação alienante: sem olhos para ver, sem boca para falar, mas com ouvidos para ouvir. Um dado importante sobre o Estado Novo é a relevância do rádio para a prática doutrinária, pois era por esse meio que o poder visava construir uma unicidade na consciência da nação, o que significa que o rádio assumia um papel de reeducação dos portugueses (cf. ROSAS, 2008, p. 31) por ser um instrumento de longo alcance da propaganda salazarista. As atrações no geral tinham um carácter informativo, cívico e cultural, funcionando em prol de viabilizar o acesso do “homem novo” ao produto nacional como a música, a literatura e a própria terra, dando preferência à cultura portuguesa, à tradição e ao turismo do país.

Ressaltamos que tudo isto era possibilitado por órgãos do Estado, como o Secretariado de Propaganda Nacional, que posteriormente foi renomeado como Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. Logo o rádio assumiu a posição de principal veículo para a doutrinação estadonovista com foco para a Emissora Nacional, instrumento de radiodifusão própria do salazarismo (cf. MOURA, 2018, p. 41). Ouvir era fundamental em Portugal, um país com ouvidos, pois era explorando esse sentido que o Estado Novo promovia a manipulação da informação, da sociedade e da mentalidade dos portugueses. Referimos a situação alienante de um país que, submetido à perseguição política, é incapaz de enxergar a realidade (“sem olhos”) e de criticar a própria terra (“sem boca”). Como explicita Rosas:

E o regime assim fará, a partir de 1933, com a criação do SPN, mas sobretudo desde meados dessa década, montando e orientando um vasto e diversificado sistema de propaganda e inculcação ideológica autoritária e monolítica, assente no Estado e desdobrando-se diversamente sobre o quotidiano das pessoas, na família, nas escolas, no trabalho ou nas «horas livres». Foram quatro os pilares principais desse dispositivo policêntrico e multifacetado. Dois deles integravam aquilo a que poderemos chamar o sistema de enunciação, isto é, de organização, padronização e divulgação da informação seleccionada, mas também das crenças, dos valores, da cultura, dos artefactos do «espírito» em geral: antes do mais o SPN, o centro unificador do discurso ideológico para o conjunto do dispositivo, directamente dependente da Presidência do Conselho; mas com função idêntica no campo específico da fixação e difusão da ideologia colonial, tanto na Metrópole como nas colónias do «Império», encontramos a Agência Geral das Colónias, organismo do Ministério das Colónias (de que aqui não trataremos) (ROSAS, 2008, p. 38).

A partir desse norteamento pelos fatos históricos, o verso “neste país sem olhos e sem boca” é posto no início e no fim do poema para ratificar que tudo o que ali se revela ocorre dentro desse país. Observemos a referência semelhante em outro poema de Ruy Belo intitulado “Aos homens do cais”, também presente em *Homem de palavra[s]* e em *País possível*:

#### AOS HOMENS DO CAIS

Plantados como árvores no chão  
ao alto ergueis os vossos troncos nus  
e o fruto que produz a vossa mão  
vem do trabalho e transparece à luz

Nenhum passado vale o dia a dia  
Sonho só o que vós me consentis  
Verdade a que de vós só irradia  
Portugal não é pátria mas país  
(BELO, [1969], p. 41)

A segunda estrofe desse pequeno poema traz dois versos notáveis: “Nenhum passado vale o dia a dia” e “Portugal não é pátria mas país”. Há uma diferença, do ponto de vista semântico, muito específica entre as palavras *país* e *pátria*, e que esses homens do cais, com a sua fortaleza, tirando das mãos o fruto que vem do trabalho ensinam como “verdade”. Em Ruy

Belo, a diferença se encontra na carga ideológica que tais palavras apresentam, a palavra *país* é mais adequada por não ter uma direta assimilação ao nacionalismo em comparação às palavras *pátria* e *nação*. Ruy Belo ainda retoma essa contraposição no prefácio de *Homem de palavra[s]*, dizendo:

Por isso eu contraponho à palavra «pátria», que reputo arrogante, a evocar bandeiras desfraldadas e desfiles militares, quando em Portugal ainda não havia nada (estou, como é óbvio, a parafrasear um verso meu: «No meu país não acontece nada»), do poema «Morte ao meio-dia», incluído em *Boca Bilingue* e hoje volta a parecer não acontecer nada, contraponho — dizia eu — à palavra «pátria» a palavra «país», humilde e discreta (BELO, [1978], p. 17).

No poema “Lugar onde”, está escrito: “país palavra húmida e translúcida”, uma metáfora para a limpidez ideológica de “país”, ao contrário da “palavra tensa e densa com certa espessura” que de palavra “apenas tem a superfície”: “pátria”.

Retomando a leitura do poema “Lugar onde”, lemos:

os comboios são mansos têm dorsos alvos  
engolem povoados limpamente  
tiram gente de aqui e põem-na ali  
retalham os campos congregam-se  
dividem-se nas várias direcções  
e os homens dão-lhes boas digestões;  
cordeiros de metal ou talvez grilos  
que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?

Esses versos referem metonimicamente outra grave consequência do regime: o abandono da terra, essencialmente pelos portugueses residentes no interior do país, nas pequenas aldeias empobrecidas. Ruy Belo escreve sobre a migração e a emigração portuguesa, que atingiu o ápice nas décadas de 50 e 60.

Sabemos bem que os portugueses são um povo historicamente viajante: o nacionalismo lusitano tem como pilares a expansão de Portugal através do mar e a colonização de territórios no continente americano e no continente africano, remetendo-nos ao aprisionamento do país nas imagens do passado, narrativa que se torna um instrumento doutrinário ao ser exaustivamente difundida pelos canais de comunicação do Estado Novo. A história dos “heróis do mar”, a imaginária grande pátria, tinha também a função de ser um instrumento minimizador dos problemas da terra esvaziada pelo povo, que se lança novamente ao mar ou aos caminhos da terra, não mais para repetir a glória de Portugal, mas sim numa partida sem nenhuma glória para reconstruir a vida longe das ruínas da terra natal. Entre colonizadores e emigrantes uma

grande diferença se impõe. Nenhum passado vale o dia a dia, nenhuma história vale a dor de ver os comboios lotados.

Em outro poema do conjunto “Portugal sacro-profano”, “Vila Real”, Ruy Belo usa o mesmo tema para construir o primeiro verso: “Nas cidades pequenas transformadas pela ausência” (BELO, [1966], p. 32), comunicando-se intratextualmente com “Lugar onde”, que personifica os comboios, meio de transporte ferroviário, responsáveis pelo deslocamento do povo sobre a terra. A temática migratória não se limita à série em questão, e podemos observá-la ainda nos seguintes versos de “Pequena história trágico-terrestre”:

tudo é tão desgraçado como ter nascido  
 amigos meus e de anto em portugal  
 país que só existe em pensamento  
 país morto no mar ou na memória  
 ou mesmo mais na história obras de aqueles  
 que só fora de cá o encontraram  
 que mulheres e terras povoaram  
 e que nunca mais voltaram porque eram portugueses  
 (BELO, [1973], p. 72, vv. 180-187)

Nos versos acima, o poeta deixa muito clara a sua revolta com a realidade, define Portugal como um “país morto no mar ou na memória” e sinaliza a emigração a partir do verso 185, “ou mesmo mais na história obras de aqueles”, por conta da qual os portugueses são levados a abandonar a sua terra, a que paradoxalmente “nunca mais voltaram porque eram portugueses”, povoando outros lugares, em busca de um país “que só fora de cá [...] encontraram”. Os dados da pesquisa de Victor Pereira, historiador que atua especificamente na investigação sobre a emigração portuguesa durante o regime salazarista, mostram-nos:

De 1957 a 1974, com a emigração de cerca de um milhão e meio de cidadãos, ou seja, 47% da população ativa em 1970 e 17% da população total, Portugal foi o único país da Europa Ocidental que, não sofrendo a fome nem a guerra, viu a sua população diminuir, no século XX. De 1960 a 1970, a população passa de 8.851.289 para 8.568.703 habitantes (PEREIRA, 2014, p. 13).

No poema, os comboios, no plural, aparentam ser gigantescos e até monstruosos, alimentam-se de pessoas (“e os homens dão-lhes boas digestões”) e “engolem povoados limpamente”, modo metafórico de dizer que os comboios são tão poderosos que são capazes de esvaziar por inteiro uma aldeia e também de estar em vários locais de Portugal, pois “dividem-se nas várias direcções”. Mesmo sendo mansos (e observemos que o termo pode significar lentos, mas ainda ganhar um sentido mais negativo ao apontar para um voluntário desejo de passar despercebido), Ruy Belo sugere que os comboios são uma espécie de praga, um animal destruidor da terra que faz sofrer aqueles que não serviram de alimento, os (poucos) habitantes

restantes da terra, como podemos ver nestes versos: “retalham os campos congregam-se” e “que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?”

Esse último verso dialoga com os dados levantados por Victor Pereira: os comboios se alimentam preferencialmente de portugueses em atividade, ou seja, jovens e adultos, os 47% da população ativa que se evadiu de Portugal, sobretudo famílias com pais jovens e crianças. Vemos que o verso apresenta duas idades em uma metonímica relação de mãe e filho: a mãe representando a idade avançada e, por isso, definitivamente submetida ao pouco que a terra e o casamento oferecem; e o filho, uma pessoa mais jovem, em plena atividade, obrigado, contudo, a sair da terra em busca de oportunidades longe da miséria.

A emigração, que é consequência da miséria do povo, torna-se por outro lado uma denúncia explícita da falência do regime político, e o alto número de emigrados registrado nos 15 anos que antecedem a Revolução dos Cravos demonstra a insatisfação da população com a terra e a desesperança em um Portugal com melhores condições de vida e de governo. Como nos diz Pereira em uma entrevista publicada no *Diário de Notícias*:

Considera mesmo que essa emigração foi “uma profunda deslegitimação da ditadura porque as condições dramáticas em que se desenvolveu — saídas clandestinas, bairros de lata em França, etc. — demonstravam a falsidade da propaganda que pretendia ser o regime corporativo um sucesso e na qual a população vivia pobre mas feliz.” (*Diário de Notícias*, 05/04/2014, p. 19)

Observemos este verso: “cordeiros de metal ou talvez grilos”. Os dois animais citados apontam significados interessantes para a interpretação desses comboios; respectivamente, um representa a imagem bíblica do sacrifício e o outro é um inseto capaz de causar infestações e que, dependendo de onde esteja, pode se tornar uma praga causando danos às plantações e à terra. Vemos também que a construção do verso é uma alternativa entre os dois elementos, logo, pode ser tanto um sacrifício quanto uma infestação de pragas, resultando ambos no prejuízo português de perder seus homens válidos para outros países do mundo.

Ao tirar o véu da propaganda ditatorial, trazer a emigração ao poema é uma forma de atacar politicamente o país que negligenciou o próprio chão e quem o habita. Afinal, o processo emigratório configurou uma resposta ao Estado Novo, que tentava esconder e negar tal realidade (cf. PEREIRA, 2010, p. 141). Como nos diz o historiador Victor Pereira, a emigração foi uma forma de votar com os pés, afirmativa que dá título à notícia publicada no *Diário de Notícias* em abril de 2014.

Dessa forma, consciente da realidade que leva o português a emigrar – a ditadura, a fome, o atraso social e falta de oportunidade – Ruy Belo, ao comparar o comboio com um cordeiro, compreende o sacrifício pelo bem maior, a sobrevivência. No entanto, ao equipará-lo a um grilo, o poeta reconhece o prejuízo que para a terra é gerado pelos comboios que engolem povoados e retalham os campos, um sentimento que pulsa entre o amor ao país, a preocupação com o futuro e a dor de ver um comboio ou um navio lotado de emigrantes.

Portugal perde, desse modo, a maior riqueza de um país: o seu povo (cf. PEREIRA, 2010, p. 139), o próprio português. E o país se depara com o silêncio e a solidão, enfatizados nos versos subsequentes de “Lugar onde”:

Neste país do espaço raso de silêncio e solidão  
solidão da vidraça solidão da chuva  
país natal dos barcos e do mar  
do preto como cor profissional  
dos templos onde a devoção se multiplica em luzes

Os quatros versos acima reforçam o vazio de Portugal ao perder seu povo, tornando-se um país “de silêncio e solidão”, onde nada acontece. Em “país natal dos barcos e do mar”, Belo caracteriza historicamente Portugal como o país dos barcos, transporte desde séculos usado para sair da terra pelo mar. Em seguida, Belo sinaliza a cor preta como a “profissional dos templos”, referindo, à maneira de Cesário (“a nódoa negra e fúnebre do clero”) a presença de uma igreja castradora que tem grande influência em Portugal.

A cor preta é sempre relacionada ao luto, tanto na religião católica quanto na cultura ocidental. Em ritos fúnebres, por exemplo, é cultural o uso do preto como forma de respeito ao(s) falecido(s), assim como, em aldeias portuguesas, era comum às mulheres viúvas verdadeiras ou viúvas de vivos (cujos maridos partiram para outras terras) usarem preto até os últimos dias de vida, simbolizando o luto perpétuo. Dessa forma, o templo (invadido pelo negro) é uma metonímia haja vista que ele é o continente e seu conteúdo são os fiéis, “onde a devoção se multiplica”. O luto alimenta os valores religiosos através do desamparo, sentimento profissional dos portugueses, principalmente dos que sofreram ao ver familiares emigrarem em um comboio ou em um navio. Logo, Portugal fica sendo por extensão o país da cor preta, um país morto: “Tenho uma dor chamada portugal/país defunto talvez unto para nações vivas/portugal meu país de desistentes” (BELO, [1973], p. 70, vv. 118-120). Note-se que o país *defunto* é etimologicamente um país sem função (de+functo) que paradoxalmente, no jogo dos significantes do poema, passa a ser unto, isto é, gordura, capaz de acionar a economia das “nações vivas”.



O país defunto é também o “país do sino objecto inútil/ única coisa a mais sobre estes dias”. O sino tem várias significações, geralmente relacionadas com a tradição católica e até pode simbolizar a morte. De qualquer modo, o sino se sobressai como um indicador da passagem do tempo com as suas badaladas, algo que se torna inútil porque Portugal está parado no tempo. A metáfora do tempo parado é posta frente a frente com o tempo empírico pela inutilidade da sua função de marcar o tempo num país sem movimento. Assim, o sino se torna um elemento “a mais” perfeitamente dispensável, porque ao marcar a passagem das horas só reafirma a inutilidade da sua função.

Como Aline Duque Erthal escreve, o tempo é uma grande linha de força para a análise dos poemas belianos (cf. ERTHAL, 2011, p. 89) e isso pode ser confirmado nos versos seguintes: “Aqui é que eu coisa feita de dias única razão/vou polindo o poema sensação de segurança/com a saúde de um grito ao sol”. O poeta, é ainda feito de tempo, isto é, a poesia é necessariamente uma questão de tempo, logo, propícia à metamorfose. E é por via desse tempo que Ruy Belo explora a metalinguagem ao escrever sobre o processo de aperfeiçoamento do poema com a “saúde de um grito ao sol”, mostrando que os efeitos dessa realidade no poeta, que afirma estar abatido (combalido) e trêmulo (tirito), imitando a dor que deveras sente, parafraseando o poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, não o impedem de ser “grito” e de ser “luz” num país em que domina a escuridão.

O poema finaliza com a conflituosa relação entre país, palavra e homem, “matéria para mais esquecimento”, isto é, “Lugar onde” termina com a morte. Vejamos os 4 últimos versos: “após as sucessivas quebras de calor/antes da morte pequenina celular e muito pessoal/natural como descer da camioneta ao fim da rua/neste país sem olhos e sem boca”. Ruy Belo aponta a pequenina morte pessoal de um homem que está sendo corrompido aos poucos, cuja morte se vai acumulando ao ponto de ser tão “natural como descer da camioneta ao fim da rua”. Assim, a morte não é mais um evento, foi banalizada na realidade sociopolítica “após as sucessivas quebras de calor”, ou seja, a interrupção das trocas de energias entre corpos, a falta de contato com o outro ou de empatia pelo outro, transformam gradativamente a alienada sociedade portuguesa dos anos 60 em um antro de frieza para os que morrem à margem dela.

“Lugar onde” apresentou três grandes momentos: a alienação promovida pelo poder ditatorial através da imposição do ouvir, a emigração como um processo de abandono da miserável terra e de insatisfação sociopolítica, a morte de Portugal como país e como sociedade,

tornando-se um lugar vazio, silencioso e solitário, em síntese, um espaço de luto. E é disso também que “Morte ao meio-dia”, poema a seguir, nos fala.

### 3.2. A alienação e os mortos sem rostos

#### MORTE AO MEIO-DIA

No meu país não acontece nada  
à terra vai-se pela estrada em frente  
Novembro é quanta cor o céu consente  
às casas com que o frio abre a praça

Dezembro vibra vidros brande as folhas  
a brisa sopra e corre e varre o adro menos mal  
que o mais zeloso varredor municipal  
Mas que fazer de toda essa cor azul

que cobre os campos neste meu país do sul?  
A gente é previdente tem saúde e assistência cala-se e mais nada  
A boca é pra comer e pra trazer fechada  
o único caminho é direito ao sol

No meu país não acontece nada  
o corpo curva ao peso de uma alma que não sente  
Todos temos janela para o mar voltada  
o fisco vela e a palavra era para toda a gente

E juntam-se na casa portuguesa  
a saudade e o transístor sob o céu azul  
A indústria prospera e fazem-se ao abrigo  
da velha lei mental pastilhas de mentol

O português paga calado cada prestação  
Para banhos de sol nem casa se precisa  
E cai-nos sobre os ombros quer a arma quer a sisa  
e o colégio do ódio é a patriótica organização

Morre-se a ocidente como o sol à tarde  
Cai a sirene sob o sol a pino  
Da inspecção do rosto o próprio olhar nos arde  
Nesta orla costeira qual de nós foi um dia menino?

Há neste mundo seres para quem  
a vida não contém contentamento  
E a nação faz um apelo à mãe,  
atenta a gravidade do momento

O meu país é o que o mar não quer  
é o pescador cuspidor à praia à luz do dia  
pois a areia cresceu e o povo em vão requer  
curvado o que de frente erguida já lhe pertencia

A minha terra é uma grande estrada  
que põe a pedra entre o homem e a mulher  
o homem vende a vida e verga sob a enxada  
O meu país é o que o mar não quer.  
(BELO, [1973], p. 21-22)

“Morte ao meio-dia” também é um poema integrante de dois livros, *Boca bilíngue* e *País possível*. Diferentemente dos outros republicados, “Morte ao meio-dia” foi submetido a um processo de edição, se compararmos o poema na edição de 1966 com a sua republicação em 1973. A maior mudança, fruto do trabalho poético, para o *País possível* foi a inclusão de uma estrofe inteira, a sexta, que começa com o verso “O português paga calado cada prestação”, ocorrendo também a reescrita de um verso, o segundo da terceira estrofe, de “A gente é providente cala-se e mais nada” (BELO, [1966], p. 47) para “A gente é providente tem saúde e assistência cala-se e mais nada” (BELO, [1973], p. 21).

Como vimos nos últimos versos de “Lugar onde”, a reeducação dos portugueses implica o processo de corrupção dos valores humanos ao ponto de que a morte não é mais um evento, é um fator banal para a sociedade. Dessa forma, ambos os poemas, sobretudo, são muito conscientes “da inquietude e da fragilidade da existência cotidiana, mostra bem a importância que o poeta atribui ao ato de escrita como enfrentamento da angústia gerada pela incompletude e catástrofe que marca nossa humanidade” (ALVES, 2006, p. 141).

Na dedicatória de *País possível*, tomamos ciência de que “Morte ao meio-dia” é um poema dedicado

À memória do jovem pescador Lourenço São Miguel, morto sob um céu sem uma nuvem de começos de Janeiro de 1965, quando o seu barco camaroeiro embateu numa liga de areia, à entrada da foz assoreada do rio Ave, a cuja morte a terra deve o corpo que o Zinho, mergulhador, foi arrancar ao mar, e eu, poeta, devo o meu poema “Morte ao meio-dia”, esta homenagem que, a um dos muitos desconhecidos mortos por nós no mar, alguém devia (BELO, [1973], p. 13).

Assinalamos que “Morte ao meio-dia”, assim como “Lugar onde”, tem um compromisso ético com a sociedade, melhor, com os que estão à margem dela. O pescador Lourenço São Miguel era apenas mais um português sem rosto. A ação de nomeá-lo é, antes de tudo, um gesto do poeta para atribuir uma identificação àquele que não se registra na História portuguesa, ou se se registra, torna-se apenas um dado estatístico.

Isso também ocorre no poema “Necrologia”, de *Homem de palavra[s]*:

#### NECROLOGIA

Portugal tem nove milhões de habitantes  
Lisboa talvez tenha um milhão  
Nada disto pode me consolar bem sei  
Morreu antónio gião  
Eu não o conhecia nunca o conhecerei  
(BELO, [1969], p. 49)

O falecido “antónio gião” morreu desconhecido (tendo por isso o nome grafado com minúscula) como outros tantos portugueses entre os nove milhões de habitantes, assim como o pescador Lourenço São Miguel. Sequer o poeta o conhecia ou fatalmente o conhecerá. Mais um nome que a História não registrou, sendo assim, Ruy Belo usa o poema para homenageá-los, dando-lhes o mínimo de dignidade e de respeito em seus versos. Sendo assim, o poema é um obituário de António Gião e, de certa maneira, serve para ser um mínimo registro seu na História.

Se “no meu país não acontece nada”, a morte também já não acontece a ponto de ser notada, como se passasse imperceptível. Fala-se de Portugal como um país do luto, do preto como a “cor profissional”, de tal modo que a morte é intrínseca ao país, não é mais um evento, dado o alto número de portugueses falecidos nesse tempo que não conhecemos e nunca conheceremos, como refere o poeta.

Na dedicatória, Ruy Belo descreve o cenário no qual Lourenço São Miguel foi encontrado: “morto sob um céu sem uma nuvem de começos de Janeiro de 1965”. A estação era o inverno. Em “Morte ao meio-dia” a morte acontece no fim do outono e no inverno, tal como referem os dois primeiros versos e a presença dos meses “Novembro” e “Dezembro”. É importante situar a presença do inverno que, para além do dado referencial arbitrário, ganha conotação metafórica no corpo do poema, já que o inverno é tradicionalmente referido como um período de tempos nublados, escuros e melancólicos, simbolizando o fim de um ciclo de estações como uma aparente morte da natureza. Lourenço São Miguel morre numa manhã de inverno, nas águas frias da foz do rio Ave em Vila do Conde (Porto), mas paradoxalmente morre ao meio-dia quando o céu estava claro e limpo de nuvens, o que, em princípio, impediria que a sua morte fosse ignorada e funcionando como um evento a ser lembrado.

Mas a sua morte naquela manhã não “aconteceu” para Portugal, pois o desaparecimento de um cidadão comum, como o pescador, não chega a comover a indiferença da sociedade. Seu nome já não importa, nem sequer os números; a “terra vai-se pela estrada em frente”, sem lembrar de quem ou de quantos morreram ou morrerão durante esse tempo.

A partir do segundo da terceira estrofe, o poema entra numa aguda crítica política:

A gente é previdente tem saúde e assistência cala-se e mais nada  
A boca é pra comer e pra trazer fechada  
o único caminho é direito ao sol

Fernando Rosas, ao discorrer sobre a reeducação portuguesa no período salazarista, utiliza o termo “poder de injunção”, definindo-o como a proibição e o silenciamento dos comportamentos e valores considerados desviantes no que tange à ideologia do “homem novo”. O não cumprimento da nova conduta resultava em punições, ameaças ou censura prévia do indivíduo (cf. ROSAS, 2008, p. 38), revelando o abuso de poder do Estado Novo: “a gente é previdente tem saúde e assistência cala-se e mais nada/a boca é pra comer e pra trazer fechada”, situam-nos diretamente no espaço desse “poder de injunção” definido por Rosas, em outras palavras, apontam o processo de censura imposta pelo regime. São versos extremamente violentos e desvelam o autoritarismo vigente no país: “cala-se e mais nada, a boca é pra comer, e pra trazer fechada”.

Nos mesmos versos, o poeta denuncia o discurso alienado: “a gente é previdente tem saúde e assistência”. Ruy Belo usa a sátira para deixar implícito o paradoxo entre a alienação e a realidade sociopolítica: como há saúde e assistência se a morte é algo banal? Afinal, “o único caminho é direito ao sol” que, nesse poema, se refere à morte ao meio-dia, assim como a de Lourenço São Miguel. Logo, o único caminho do português nessa realidade é a morte às claras, com o sol ao centro.

A quarta estrofe,

No meu país não acontece nada  
o corpo curva ao peso de uma alma que não sente  
Todos temos janela para o mar voltada  
o fisco vela e a palavra era para toda a gente

inicia-se com a repetição do primeiro verso do poema, o que reforça na leitura a percepção negativa e decepcionada do poeta com a realidade, e segue com o verso “o corpo curva ao peso de uma alma que não sente”, a sugerir que a alma pesada, neste caso, equivale ao fardo que se carrega por estar indiferente às mortes que ocorrem ao sol, como se a alma não sentisse mais nada, numa total anestesia dos sentimentos por parte da sociedade.

Na quinta estrofe, Ruy Belo parece retornar dois aspectos sinalizados em “Lugar onde”:

E juntam-se na casa portuguesa  
a saudade e o transístor sob o céu azul  
A indústria prospera e fazem-se ao abrigo  
da velha lei mental pastilhas de mentol

A saudade é um sentimento que culturalmente acompanha a casa portuguesa, principalmente se levarmos em conta o alto índice de emigração e o constante esvaziamento

das vilas e demais centros populacionais de Portugal. A saudade está relacionada à ausência revelando a falta e a incompletude da casa portuguesa fadada à nostalgia.

Mas ao lado da saudade, o transístor também se junta na casa portuguesa. O transístor é um aparelho muito usado para o funcionamento de eletrônicos, dentre eles o rádio e, como visto nos primeiros versos de “Lugar onde”, o ouvir tinha uma importância singular durante o período do Estado Novo. Assim, o sentimento da saudade está ao lado de um objeto moderno, isto é, uma união entre o abstrato e o concreto, que também se relacionam com a temática da emigração: a saudade de quem fica e o bem material da modernidade dos emigrados que, por terem atingido melhores condições de vida fora do país, enviam objetos modernos para os que ficaram. Encontra-se na casa portuguesa, desta forma, a união entre o vazio, o atraso, e a alienação da preocupante face sociopolítica do país sem olhos e sem boca.

A “casa portuguesa” demonstra ser, além de nostálgica, incompleta e alienada, sendo este o tema dos versos subsequentes: “A indústria prospera e fazem-se ao abrigo/da velha lei mental pastilhas de mentol”. Nas primeiras décadas do século XX, Portugal era um país necessariamente agrário e, na época de Salazar, foi submetido ao processo tardio de industrialização, com claros atrasos em comparação a vários de seus vizinhos. Mas nos primeiros anos da década 60, a expansão da indústria portuguesa resultou num crescimento econômico superior aos de países já industrializados, superando, pela primeira vez, o setor agrícola (cf. LAINS, 1994, p. 931).

No entanto, a curva de crescimento logo decaiu devido à falta de políticas que sustentassem o curto “milagre português” e a mudança de perfil do país. Nos versos de Ruy Belo, vemos que a prosperidade da indústria, o crescimento econômico assinalado por Lains, antecede outro evento, que é a alienação, “ao abrigo da velha lei mental”. A partir do breve estímulo industrial, Salazar faz disto um objeto alienante, a velha lei mental para controle dos portugueses, manipulando as informações que chegavam aos ouvidos da população.

Ao refletir sobre a “psicanálise mítica do destino português”, Eduardo Lourenço escreve: “Não vivíamos num país real, mas numa “Disneylândia” qualquer, sem escândalos, nem suicídios, nem verdadeiros problemas (cf. LOURENÇO, 2016, p. 38). A frase corrobora a manipulação da informação pelo Estado que impedia que notícias problemáticas chegassem a público. Nesse sentido, a fala de Lourenço se comunica com o primeiro verso de “Morte ao

meio-dia” por expor um país em que nada acontece, categorizando-o como um lugar fechado, alienado e sem informações referentes ao caos sociopolítico que verdadeiramente vivia.

Por conta disso, a sexta estrofe nos diz:

O português paga calado cada prestação  
 Para banhos de sol nem casa se precisa  
 E cai-nos sobre os ombros quer a arma quer a sisa  
 e o colégio do ódio é a patriótica organização

No primeiro verso da sexta estrofe, escrita para a edição de *País possível*, além da censura ao português, fala-se em prestação. Ruy Belo apresenta o português como um ser endividado, que está sempre a dever, e essa dívida é com a própria realidade. Vejamos que prestação é uma determinada quantia que há de ser paga em um conjunto de meses, o que significa que os portugueses arcam, a longo prazo, com as consequências do regime político e da fragilidade social que marcam esse período.

A alternativa encontrada no verso “e cai-nos sobre os ombros quer a arma quer a sisa” (grifo nosso) revela a opção entre a violência das armas e a cobrança da sisa, imposto que existia em Portugal sobre bens imobiliários. Porém, a sisa, neste caso, aparenta ser uma metonímia para impostos, um compromisso financeiro teoricamente mútuo entre o cidadão e o Estado. Ao pensar assim, o poeta indica uma relação de subordinação do português ao Estado uma vez que, se não pagar os impostos, escolhe-se a arma, deixando implícita a crítica da violência contra quem desobedece à conduta imposta pelo Estado.

É interessante a opção de Ruy Belo em trazer a sisa, pois, para evitar as armas, os impostos têm de ser pagos, mas não se vê o retorno desse acúmulo financeiro em forma de melhorias no bem-estar da sociedade e de modernizações em Portugal. Com os fatos históricos, podemos perceber que, partindo da publicação de 1973, esse acúmulo de capital era investido, prioritariamente, em setores militares e em armamentos a serem utilizados na Guerra Colonial em África que já se mostrava perdida para os portugueses, fato que se torna decisivo para a Revolução dos Cravos no ano seguinte. Além disso, havia os custos com a manutenção da propaganda estadonovista que circulava pelos veículos de informação. Portanto, a partir desses investimentos em armas, em guerras e em difusão de mentiras, “o colégio do ódio é a patriótica organização”, que é violenta, mentirosa, intolerante e criminosa.

O regime ditatorial abandonou a terra e o povo. A sétima estrofe se inicia com a reiteração da banalidade da morte, “morre-se a ocidente como o sol à tarde”, comparando a

morte com o pôr do sol que acontece todos os dias nesse ocidente sem heroicidade, mas que recupera sintagmas poéticos da tradição como “a Ocidental praia lusitana” (*Os Lusíadas* canto I, estrofe 1, verso 2) ou mais proximamente “O sentimento dum Ocidental” (Cesário Verde). A partir do verso, que já se encontra no fim do poema, a aproximação da morte com o sol é muito presente, o que é uma inversão da visão tradicional da luz do sol como claridade e calor sempre relacionados à vida ativa. Em “Morte ao meio-dia”, porém, é um sol de inverno e opera no sentido oposto ao da vida. O sol do poema é relacionado à vida inativa e à melancolia, iluminando a morte que ocorre com a frequência de um pôr do sol.

Ao olhar para o próprio reflexo, o português sente sua vista arder, e “da inspecção do rosto o próprio olhar nos arde”. O verso demonstra uma certa vergonha de ser português nesses tempos, fato que, levando em consideração outros poemas da mesma época, é um ponto importante para o poeta. Da “Pequena história trágico-terrestre”, trazemos estes violentos versos: de portugal esse meu país meu?/Isto ó meus amigos dá vontade de morrer” (BELO, [1973], p. 72, vv. 172-173). No verso de “Morte ao meio-dia”, o reflexo da face atual de Portugal, impressa em todos os portugueses, corresponde às misérias sociopolíticas que Ruy Belo tanto explora em sua poesia. Ao ver Portugal refletido em cada um, o poeta assume sua posição de desistente, face que dá vontade de morrer, que faz os olhos arderem ao ver o país defunto mergulhado na alienação.

Para tanto, as três últimas estrofes do poema resumem todo este capítulo. Observemo-las:

Há neste mundo seres para quem  
a vida não contém contentamento  
E a nação faz um apelo à mãe,  
atenta à gravidade do momento

O meu país é o que o mar não quer  
é o pescador cuspidor à praia à luz do dia  
pois a areia cresceu e o povo em vão requer  
curvado o que de frente erguida já lhe pertencia

A minha terra é uma grande estrada  
que põe a pedra entre o homem e a mulher  
o homem vende a vida e verga sob a enxada  
O meu país é o que o mar não quer.

Na oitava estrofe, talvez uma das mais fortes de todo o poema, Ruy Belo usa *nação*, uma palavra ideologicamente carregada, para dar ênfase ao desgosto que sente com a atualidade, uma vez que se trata de uma palavra repudiada por ele. No verso, basicamente, ele atrela a vida sem contentamento à realidade da nação, se repararmos na construção do verso



com a conjunção “e”. A vida em Portugal não valia a pena nos anos 60 e o único movimento descrito é apelar à mãe, atenta à gravidade do momento vivido. Na História, vale destacar que, já nos anos 60, emergiam manifestações em prol do fim do Estado Novo, principalmente em ambientes intelectuais como as universidades. A luta popular é uma forma de chamar a atenção e apelar à mãe por um dia diferente.

Há duas definições para Portugal na penúltima estrofe e uma delas nos faz retornar à dedicatória de “Morte ao meio-dia”. Lourenço São Miguel é o retrato de Portugal, por isso foi importante esta análise ter partido da fatalidade à qual Ruy Belo dedica seu poema. A dedicatória é uma dívida metonímica que o poeta, enquanto português, tem com os vários conterrâneos que tiveram o mesmo fim que o pescador, e morreram ao meio-dia. Portugal é, portanto, um “país morto no mar ou na memória”, assim como Lourenço São Miguel. O país morreu à vista de todos.

Por ser um país morto, nem mar não o quer. É o fim da ilusão da épica passada. A rejeição do mar se torna muito significativa, não só por lá ter morrido Lourenço São Miguel, mas por ser um elemento que é uma fronteira do país, o limite da terra, figura primordial para a literatura, cultura e história portuguesa. Ruy Belo abdica das expressões de *heróis do mar*, o nobre povo, a nação valente imortal, repudiando a narrativa dos conquistadores, tão explorada no nacionalismo português. Sem o mar, Portugal perde sua identidade fantasmática, como se o país rejeitasse o país, morrendo entre as brumas da memória.

“Morte ao meio-dia”, como já se espera, termina de forma trágica. O primeiro verso da última quadra diz que a terra é uma grande estrada que separa, não une, impõe pedras entre os homens e as mulheres. O poeta aborda a separação entre homens e mulheres nessa sociedade que aponta para além dos dramas da emigração (em que os homens partem e as mulheres ficam) um outro fundamento do salazarismo: o patriarcado. A alienação também era uma forma de consolidar um Estado conservador e, principalmente, viril, onde a mulher não tinha espaço significativo na sociedade e nas decisões públicas. A mulher é separada socialmente do mundo masculino, pois era esperado que a imagem feminina fosse submissa e respeitosa ao marido, além de ser limitada aos papéis domésticos. Dessa forma, a sociopolítica da época impôs uma rigorosa separação entre homem e mulher que tem ecos duradouros na História contemporânea.

Sobretudo, mostra-se a verdadeira identidade portuguesa durante esse período: indivíduos que são explorados pelo trabalho agrário e árduo simbolizado pela enxada. E morrem

sob ela. Com esse verso final, fazemos uma reflexão: trabalhos rurais que usam ferramentas como a enxada geralmente estão vinculados à baixa escolarização e à dificuldade no acesso à cultura mínima como a alfabetização. Nos anos 60, Portugal tinha uma taxa alta de analfabetismo o que, de fato, é um índice que faz aumentar o número de trabalhadores manuais nas zonas agrárias. Portanto, Ruy Belo fecha o poema com a imagem do português sofrido, analfabeto e vítima de um Estado que impede o progresso, homens que vergam sob a enxada e morrem ao meio-dia.

### 3.3. O que resta a Ruy Belo?

Os dois poemas analisados neste capítulo “obedecem a esta tônica da atenção moral e denúncia política, em poesia, face à ordenação fascista do cotidiano” (MAGALHÃES, 1981, p. 152). No entanto, embora ele use da realidade para construir os versos, não é o objetivo de Ruy Belo se limitar à denúncia social.

Obviamente, a crítica à realidade sociopolítica de Portugal é um elemento muito importante na obra beliana, mas há na sua poesia um *outro* Portugal. Assim, “Lugar onde” e “Morte ao meio-dia” são duas importantes partes da construção da linguagem poética de Ruy Belo, da sua identidade literária como um português observador e revoltado com a realidade em que vive.

De fato, durante todo este capítulo, deparamo-nos questões muito graves e pertinentes sobre o seu tempo e também as dores de viver num Portugal mutilado por uma ditadura duradoura. Isso faz parte da decepção e da infelicidade que o poeta afirma ter ao falar sobre a realidade de seu país, mas isso é só uma parte do caminho que o poeta propõe seguir em sua poesia.

Então, o que resta a Ruy Belo? O próprio poeta responde a essa pergunta em dois versos de “Pequena história trágico-terrestre”: “procuro algures um país encantado/pois me resta talvez um portugal interior” (BELO, [1973], p. 73, vv. 213-214). Resta, por fim, um sonho. Por isso, a face sociopolítica de Portugal é apenas *parte* de um todo, pois é através da decepção e da revolta sentida que Ruy Belo se movimenta à procura de um Portugal encantado, lugar onde encontrará a felicidade. O objetivo é chegar ao *país possível*, não se limitar à realidade sofrida, por mais importante que ela seja para seus versos. Vemos claramente, portanto, a existência de dois rostos para Portugal.

O rosto de que tratamos durante este capítulo é o da realidade sociopolítica, o ponto de partida para chegar ao dia diferente. Os versos analisados não só demonstram a revolta e a insatisfação, mas descrevem historicamente eventos importantes do regimento do Estado Novo, suas nefastas consequências políticas e sociais. Evocamos Magalhães quando afirma que a poesia beliana é um instrumento de transfiguração da alienação que tanto sufoca o país e os portugueses (cf. MAGALHÃES, 1999, p. 146).

A outra face é a do país dos sonhos, edificado a partir do profundo descontentamento com a realidade. Trata-se de um país imaginário, provando que a poesia beliana não se restringe à realidade. O capítulo a seguir lida com essa face do imaginário, do sonho, o ponto de chegada, fazendo desses sentimentos angustiantes uma *passagem* entre o plano da realidade sociopolítica e o plano do sonho, capaz de edificar um novo país, um “portugal futuro”.

#### 4. O país dos sonhos

##### O PORTUGAL FUTURO

O portugal futuro é um país  
 aonde o puro pássaro é possível  
 e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
 as profundas crianças desenharam a giz  
 esse peixe da infância que vem na enxurrada  
 e me parece que se chama sável  
 Mas desenhem elas o que desenharem  
 é essa a forma do meu país  
 e chamem elas o que lhe chamarem  
 portugal será e lá serei feliz  
 Poderá ser pequeno como este  
 ter a oeste o mar e a espanha a leste  
 tudo nele será novo desde os ramos à raiz  
 À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
 e na avenida que houver à beira mar  
 pode o tempo mudar será verão  
 Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
 mas isso era o passado e podia ser duro  
 edificar sobre ele o portugal futuro  
 (BELO, [1969], p. 27)

Diferentemente de “Portugal sacro-profano”, “O portugal futuro” é um lugar *aonde*, advérbio que indica direção e lugar de destino. Assim, esse país futuro é o ponto de chegada, fruto da busca de Ruy Belo por um Portugal dos sonhos, país em que se encontra a liberdade. Isso já nos aparece no primeiro verso, “O portugal futuro é um país” (grifos nossos), e lembremos que o poeta usa a palavra “país” indicando um espaço livre da ideologia nacionalista tão pregada por Salazar e seus apoiadores.

Observemos com atenção a flexão do verbo “ser” ainda nesse verso: ele está no presente do indicativo. Sintaticamente, o verbo de ligação, no verso, estabelece uma função predicativa ao [um país aonde o puro pássaro é possível] que atribui uma definição para esse novo país, construindo uma imagem do lugar dos sonhos. Dessa forma, por mais que seja imaginária, o portugal futuro não é abstrato pois foi predicado por meio de uma figura concreta, o pássaro. Assim, tal palavra, além de contribuir para a aliteração da oclusiva /p/, dá concretude ao conceito de liberdade, tornando-a imaginável.

Nos versos seguintes, o poeta descreve a criação desse dia diferente:

e sobre o leito negro do asfalto da estrada  
 as profundas crianças desenharam a giz  
 esse peixe da infância que vem na enxurrada  
 e me parece que se chama sável

Os versos acima parecem retomar essa noção de caminho desenvolvida nestas páginas. O “leito” é polissêmico, mas, considerando as palavras “peixe” e “enxurrada”, vemos que se trata do “corpo de um rio”, isto é, o trajeto que é feito pela água. Sendo assim, o leito está relacionado à extensão da estrada na qual as crianças brincam.

A rua tomada por crianças é uma imagem muito relevante para se pensar na obra de Ruy Belo. De certa maneira, o leito também pode ser atrelado à passagem do tempo, porque se trata de um caminho que direciona a água em movimento constante e para frente. No poema, como sinaliza Sofia de Sousa Silva, há oscilações entre o passado, o presente e o futuro (cf. SILVA, 2012, p. 124) o que pode ser exemplificado neste verso: “portugal *será* e lá *serei* feliz”. O futuro mas também o passado, por sua vez, são convocados ao poema por meio das crianças, pois são elas que resgatam o peixe da infância, que simboliza uma nostalgia.

Ao pensar no leito como uma representação do tempo, as crianças desenham em cima da linha temporal. As crianças, neste caso, funcionam como mediadoras entre os tempos: são elas que trazem o peixe do passado ao presente através do desenho e, a partir disso, edificam um futuro. Por isso, a criança desenha um país futuro com a ciência dos fatos ocorridos no passado e no presente, mostrando a necessidade de conhecer a História para construir um novo país.

Isso traz à tona a importância da infância em Ruy Belo, pois “O português futuro” é edificado pela memória afetiva que a imagem da criança traz consigo. O futuro se comunica ao passado e ao presente pelas brincadeiras de crianças representadas pelo desenho na rua e pela dança à sombra dos plátanos. Portanto, o protagonismo do poema recai sobre as crianças cuja representação está condicionada à pureza, à verdade e à transparência.

Desse modo, o poeta deixa uma mensagem: a nova geração é responsável pelos rumos de um país. Tendo em vista a imagem infantil que Ruy Belo utiliza, podemos considerar que o poeta deposita uma certa esperança em dias melhores na figura da criança, o que retorna ao sentimento de desistência em relação a sua realidade uma vez que o país futuro está nas mãos de uma geração posterior que ainda não está corrompida pela realidade, mas que ainda está por vir.

O giz, por sua vez, é usado para desenhar “esse peixe da infância que vem na enxurrada”. Além de ser um recurso muito usado nas brincadeiras infantis, o giz é um instrumento de desenho que dá contornos frágeis, ou seja, o peixe da infância e o novo país são delicados

porque são também facilmente apagados. Nesse sentido, a infância presente no peixe edifica o “portugal futuro”, país que advém da fragilidade, da inocência e da pureza de um desenho infantil.

O peixe parece ser um sável, uma espécie migratória que adentra os rios de Portugal durante a primavera, especialmente os do norte. Por ser um animal migratório, o sável se torna uma figura relevante no poema por ter uma característica em comum com os portugueses, um povo viajante pelo mar. Neste caso, o sável migra no tempo. Ele sai do passado e chega ao tempo presente, de modo que as crianças recuperam a figura de um peixe cada vez mais raro em Portugal.

Com o passar do tempo e com as interferências do ser humano na paisagem, o sável tornou-se um peixe em extinção. De certa maneira, tendo em vista as reflexões do capítulo anterior, o povo português é também um elemento em extinção em Portugal devido ao alto índice de evasão. As crianças, por fim, evocam a memória migratória que tanto faz parte do passado e quanto do presente como visto em “Lugar onde”. O país futuro resgata os portugueses egressos com a força de uma enxurrada.

No tempo da utopia, se o sável retorna para o presente, todos os portugueses egressos retornariam no desejo do poeta, os mesmos que fazem parte desse passado nostálgico que a magia do desenho é capaz de produzir. “O portugal futuro” também é feito pelo movimento de volta daqueles que deixaram o “lugar onde”, o regresso dos emigrantes a casa. Ao chegar ao dia diferente, encontra-se um país tão mudado que o perímetro geográfico já não importa, como vemos:

Mas desenhem elas o que desenharem  
é essa a forma do meu país  
e chamem elas o que lhe chamarem  
portugal será e lá serei feliz  
Poderá ser pequeno como este  
ter a oeste o mar e a espanha a leste

O poeta deposita uma confiança tão evidente na pureza do trabalho dessas crianças que resulta numa total despreocupação com a forma do país, pode tanto manter os mesmos limites quanto mudar totalmente. O importante é justamente o país ser edificado pela criança, ato que proporciona a plenitude uma vez que a edificação do país é a utopia, o lugar que não há (etimologia) mas que poderá haver: “portugal será e lá serei feliz”. Com a volta dos que foram e com a imaginação da criança, esse país imaginário constitui-se de mudanças dos ramos à raiz.

No prefácio à segunda edição de *Homem de palavra[s]*, Ruy Belo indica que essa despreocupação com a forma e o tamanho do novo país é fruto de um processo de descolonização (cf. BELO, [1978], p. 22). A História pode auxiliar na exposição dessa afirmativa sobre “O Portugal futuro”. Nos poemas “Lugar onde” e “Morte ao meio-dia”, destacamos a alienação da sociedade portuguesa através de recursos radiofônicos sustentados pelo Estado Novo. A propaganda salazarista insistia em afirmar que Portugal não era um país pequeno, pois tinha as colônias em África que expandiam o território lusitano para além da Europa. Vale lembrar que, no ano de publicação do poema, o país já se desgastava com a Guerra Colonial, fato determinante para a Revolução dos Cravos anos depois.

Com efeito, a extensão territorial do “império” era tópico importante para manter a propaganda de um Portugal grandioso. Dessa forma, Ruy Belo, ao apontar que a extensão geográfica não importa e que o país futuro “pode ser pequeno como este”, vai contra a alienação proporcionada pelo Estado Novo, enfatizando que Portugal é um país pequeno e sem territórios fora da Europa. Logo, “O Portugal futuro” é um país descolonizado de si mesmo, da sua própria História, deixando para trás toda a saga de conquistas, colonizações e navegações dos *heróis do mar*.

Isso se prova no verso seguinte: “tudo nele será novo desde os ramos à raiz”. Certamente, trata-se de um dos versos mais importantes, senão o mais importante, de todo poema. O verso deixa bem claro o desejo de mudanças radicais em Portugal, de modo que a transformação não seja apenas nos ramos (aparente), mas que também seja capaz de alterar radicalmente a História (a raiz). Por serem dos ramos à raiz, as mudanças são obrigatoriamente internas, fruto de reflexões acerca de elementos fundamentais da História e da cultura portuguesa. Com isso, o desejo do poeta rompe com a sua própria realidade e procura atribuir um novo rumo ao país. No entanto, mesmo buscando uma nova história, o poeta ainda se comunica com a tradição literária portuguesa como se nota nos versos subsequentes:

À sombra dos plátanos as crianças dançarão  
e na avenida que houver à beira mar  
pode o tempo mudar será verão

Sofia de Sousa Silva observa que os versos acima remetem às cantigas, momento iniciático da literatura portuguesa: “as crianças que dançam sob as árvores podem bem vir de uma cantiga medieval, onde três amigas bailam “so aquestas avelaneiras frolidas” (SILVA, 2012, p. 124). É pertinente que as cantigas apareçam após o poema indicar mudanças dos ramos à raiz, pois indica a revisitação às origens, como se o país realmente nascesse novamente.

Torna-se necessário chegar às origens para edificar um futuro, isto é, voltar à gênese do país e do ser humano — a criança — para reconstruir a História de Portugal e possibilitar um país onde o puro pássaro é possível.

Assim, o tempo mudará e será verão. Em “Morte ao meio-dia”, a estação predominante era o inverno em que pessoas como Lourenço São Miguel e António Gião morriam à luz do dia; “O Portugal futuro” representa a transição do inverno para a estação oposta, o verão. Desta maneira, a mudança de estação significa a repaginação na História, um dia diferente em que a alegria e a felicidade do verão sejam predominantes, totalmente contrário ao tempo descrito no capítulo anterior. Portugal, enfim, se encontraria livre nesse país imaginário.

Por um sonho, fazemos sacrifícios. Assim aparece nos últimos versos:

Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz  
mas isso era o passado e podia ser duro  
edificar sobre ele o Portugal futuro

A Igreja ocupa um espaço muito significativo na literatura beliana, principalmente envolvendo a conflituosa relação entre o homem e o divino. Desde *Boca bilíngue*, o poeta demonstra mágoas e críticas à Igreja sempre utilizada como instrumento político para manter e para justificar as abusivas relações de poder.

Nos versos, o passado está ligado à matriz que marca a passagem do tempo. Tal qual as cantigas, o antepenúltimo verso é uma alusão histórica, mas que caminha ideologicamente em sentido inverso. As cantigas fundam a alegria mas o tocar dos sinos é elemento perigoso, a ser evitado porque “podia ser duro”. Esta visão trágica da Igreja remete ao clássico “O Sentimento dum Ocidental”, de Cesário Verde:

E eu desconfio, até, de um aneurisma  
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;  
À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,  
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,  
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos  
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;  
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,  
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:  
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,  
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.  
(VERDE, [1887], p. 67)



No passeio por Lisboa, Cesário Verde viaja no tempo. Ao adentrar a escuridão da noite fechada, o poeta depara-se com as perturbadoras imagens da Inquisição, período em que a Igreja Católica perseguia, julgava e eliminava brutalmente aqueles considerados hereges. As imagens das prisões, da velha Sé, das cruzes e do inquisidor severo, por exemplo, deixam o poeta abismado com a tamanha violência que assinala a História ocidental. Sobretudo, essas imagens reconstituem os eventos que se passaram em Lisboa, tornando-se parte da raiz que Ruy Belo tanto quer mudar.

Observe-se que a Inquisição se encontra na segunda parte do “Sentimento dum Ocidental”, a noite fechada. Assim, tal período encontra-se oculto nas ruas de Lisboa, pertencente às sombras que envolvem a história trágica da repressão em Portugal. Cesário Verde chega à Inquisição por haver vestígios na paisagem urbana que fazem parte desse tempo, sendo estas as memórias da triste cidade. E a matriz representa isso. A igreja do poema de Ruy Belo não só está diretamente ligada à decepção religiosa, mas está vinculada a todas essas imagens postas por Cesário Verde, aos vestígios de uma instituição que controlou os dias no Ocidente e ainda pesa no tempo da escrita do poema.

Ruy Belo faz de seus versos a memória das cantigas e de Cesário Verde, evidenciando a permanência da tradição literária que sempre lê argutamente os movimentos da História e nesse sentido são bem-vindos no novo país. Quando o poeta afirma as mudanças na raiz, ele se dirige à história política e ao modo como ela se apropriou da cultura e da tradição portuguesa para justificar o que não podia ser justificado. Portanto, “O Portugal futuro” deve ser o país da liberdade da arte e da cultura em que a presença da tradição literária se verá relida.

A procura por um dia diferente revela o compromisso ético de Ruy Belo com o seu país, pensando o seu ofício como forma de dar a Portugal uma nova história e um novo rumo, livre da ideologia de um regime ditatorial que alienou o seu processo histórico. A arte se torna um elemento livre, configurando, portanto, um sonho. O poeta se dá o direito de sonhar.

De fato, edificar sobre o passado um país futuro se torna desafiador, ainda mais porque esse tempo está condicionado à memória reacionária diante da qual Ruy Belo se define como um vencido no poema “Nós os vencidos do catolicismo”. Para tanto, é preciso renunciar o passado como uma condição de um futuro renovado (cf. BELO, [1978], p. 22).

Os últimos versos apontam o sacrifício da História. O “gostaria de ouvir” revela um desejo ingênuo que é logo suprimido pelo bem maior, um país justo e livre para todos. Nesse

poema, analisamos a construção de um sonho de uma utopia para o novo país. Ruy Belo se movimenta na busca de um dia diferente: o ambiente do reencontro, do retorno, da chegada, um lugar *aonde*. No país edificado pela imaginação e pela delicadeza do desenho infantil a giz, é possível talvez encontrar a felicidade.

A poesia de Ruy Belo, então, parece chegar a um estado de infância. O país dos sonhos é construído através da pureza e da verdade que a imagem da criança evoca. Com efeito, objetiva-se não só a criação de um novo lugar e uma nova história, mas também o ingresso no universo lúdico da criança, sendo este a verdadeira origem da felicidade e da liberdade que poderão construir o novo o país. O dia diferente só existe por conta da imaginação da criança, logo, Ruy Belo se aventura na linguagem para atingir um frequente estado de infância na qual tudo é possível, é só querer (cf. BELO, [1969], p. 101).

No entanto, para edificá-lo, sacrifícios não de ser feitos. A História portuguesa, constituída pela injustiça, pela manipulação e pela violência em diversas épocas, é sacrificada para que haja um recomeço baseado na justiça e na igualdade, possibilitando o retorno daqueles que embarcaram em um comboio de dorso alvo ou em um navio, representado pela figura do peixe migratório sável. Também há o sacrifício pessoal indicado nos últimos versos. Ruy Belo abdica da imagem lúdica do sino da Igreja, para não correr o risco de viver novamente a dureza dos tempos.

Terminamos este capítulo com a imagem das crianças sobre o leito negro do asfalto estrada. Como dito anteriormente, o leito da estrada equivale à linha do tempo, conseqüentemente, as crianças estão em cima do curso temporal um futuro repaginado. Com base nesta interpretação, Ruy Belo deixa uma mensagem: para edificar o futuro há de se conhecer muito bem a História do país, mesmo que seja para sacrificá-la, pois o conhecimento é uma forma de libertação. E caberá sempre às novas gerações permanecerem na constante busca por um país que fica em frente.

## 5. Considerações finais

Ruy Belo faleceu em agosto de 1978, deixando uma esposa, três filhos e uma obra poética que, em muitos casos, parecer ser uma procura frequente pela liberdade. Isso se comprova com a assídua repetição de elementos como o pássaro, a infância e a criança em diversos poemas, figuras que estiveram presentes em “O Portugal futuro”, cujos versos retratam um processo de libertação. Neste trabalho, demos atenção especial à importância de Portugal para o poeta que parte em busca de um futuro renovado a partir da extrema indignação com a realidade sociopolítica que o sufocava.

É importante reiterar que o país futuro é uma utopia restrita ao texto, isto é, um país que não existe no mundo real e ganha corpo somente no plano imaginário para o qual a literatura é o instrumento de acesso. Para Ruy Belo, portanto, a literatura vai muito além do cotidiano e serve como porta para um mundo de sonhos e de liberdade, sendo nesse mundo que o poeta sente o alento de estar vivo.

Durante os anos em que publicou, vários foram os poemas cujo conteúdo apresentava um claro desânimo em estar vivo. No poema “Tristeza branda”, de *Homem de palavra[s]*, Ruy Belo indica, na última estrofe, a fonte para permanecer em vida:

Mas agora que cantei da tristeza  
 não observo já os mais leves traços  
 e a minha maneira de me matar  
 é deixar cair ambos os braços  
 (BELO, [1969], p. 61)

O alento de estar vivo reside na escrita, é o canto. Podemos observar que o cantar a tristeza é uma forma de libertação mesmo que temporária desse sentimento, sendo assim, uma forma de morte é estar impossibilitado de escrever. A própria ação de escrever, para Ruy Belo, configura um caminho para a liberdade. Assim ocorre em “O Portugal futuro”, a edificação de um sonho por meio do texto, o que ressalta a literatura beliana como um espaço da libertação e da mudança.

A sua poesia é definida como uma “aventura na linguagem”, tratando-se de uma procura por aquilo que não se tem. Além disso, a própria ideia de aventura também pressupõe a liberdade, de tal modo que a poesia é a maneira de transgredir a realidade e de enfrentar o presente (cf. PRIGENT, 2017, p. 22) ao transpassar a dor que deveras sente para a escrita. Nesse sentido, poemas como “Lugar onde” e “Morte ao meio-dia” têm um espaço fundamental no discurso da poesia beliana e no caminho que há de ser feito para chegar ao novo dia, pois eles também representam uma forma de se libertar da dor que os versos carregam.

No país da imaginação, a História é recriada com os valores éticos que permeiam a literatura beliana. Principalmente, sabe-se que, para Portugal seguir em frente, tem de abrir mão de uma História gloriosa que funcionou como “máscara” para a sua própria decadência. Libertar-se dessa História é abdicar de toda a narrativa que envolve navegações, conquistas, impérios, alienação e, principalmente, ditadura. E a História também se torna livre dessa narrativa tendenciosa da História.

Nesse sentido, a poesia de Ruy Belo se configura como um terreno fértil para a metamorfose e para a discussão sobre problemáticas que atravessam não só o cotidiano, mas a existência humana. Por excelência, a poesia de Ruy Belo é a própria mudança (cf. BELO, [1969], p. 78).

Habitante de um país em que não acontece nada, do luto como *cor professional*, Ruy Belo põe em evidência Portugal como uma fonte de reflexão e, por amar o país, busca um lugar onde a liberdade se tornará concreta. O país futuro é a representação de um sonho e em frequente construção, que fica em frente, lugar de retornos, renovações e reencontros, onde o puro pássaro é possível.

## 6. Referências bibliográficas

- ALVES, Ida Ferreira. “Fugitivo da catástrofe: a escrita poética de Ruy Belo”. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporânea*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2006, pp. 136-150.
- \_\_\_\_\_. “Ruy Belo e a errância na linguagem: figurações e ficções da morte”. In: DUARTE, Lélia Parreira (org.). *De Orfeu e de Perséfone: morte e literatura*. São Paulo: Ateliê Editorial; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2008, pp. 235-252.
- BELO, Ruy. *Aquele grande rio Eufrates*. [1961]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Boca bilíngue*. [1966]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Homem de palavra[s]*. [1969]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *País possível*. [1973]. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Obra poética de Ruy Belo volume 3*. Lisboa: Editorial Presença, s.d.
- \_\_\_\_\_. “Explicação que o autor houve por indispensável antepor a esta segunda edição”. [1972]. In: *Aquele grande rio Eufrates*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- \_\_\_\_\_. “De como um poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro”. [1978]. In: *Homem de palavra[s]*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- ERTHAL, Aline Duque. “Ruy Belo: tempo, corpo e paisagem”. *Convergência lusíada*, n. 26, v. 22, 2011, pp. 88-100. Disponível em: <https://convergenzialusiada.com.br/rcl/article/view/128>. Acesso em 26 abr. 2021.
- \_\_\_\_\_. “Ruy Belo: corpo em si, corpos de outrem”. *Abril*, v. 9, n. 18, 2017, pp. 115-125. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29925>. Acesso em 24 set. 2021.
- GUSMÃO, Manuel. “Aprender a poesia com Ruy Belo”. In: *Tatuagem & palimpsesto: da poesia em alguns poetas e poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, pp. 449-469.
- LAINS, Pedro. “O Estado e a industrialização em Portugal, 1945-1990”. *Análise social*, v. 128, nº. 4, 1994, pp. 923-958. Disponível em: [http://analisesocial.ics.ul.pt/?page\\_id=14](http://analisesocial.ics.ul.pt/?page_id=14). Acesso em 26 out. 2021
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da saudade*. Rio de Janeiro: Tinta da China, 2016.
- MAGALHÃES, João Manuel. “Ruy Belo”. In: *Os dois crepúsculos: sobre poesia actual e outras crónicas*. Lisboa: A regra do jogo, 1981, pp. 145-163.
- \_\_\_\_\_. “Ruy Belo”. In: *Rima pobre: poesia portuguesa de agora*. Lisboa: Editorial Presença, 1999, pp. 146-150.

MALUFE, Annita Costa. “A própria mudança”. In: BELO, Ruy. *Homem de palavra[s]*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014, pp. 07-12.

MARTELO, Rosa Maria. “Alegoria, fragmento e montagem nos poemas longos de Ruy Belo”. In: ATHAYDE, Manáira Aires (org.). *Literatura explicativa: ensaios sobre Ruy Belo*. Porto: Assírio & Alvim, 2015.

\_\_\_\_\_. “Reencontrar o leitor”. *Relâmpago*, n. 12, v. 4, 2003. Disponível em: <https://folhadepoesia.blogspot.com/2015/08/reencontrar-o-leitor-rosa-maria-martelo.html>. Acesso em 29 maio. 2021

MARTINS, Nilce Sant’Anna. “A estilística do som”. In: *Introdução à estilística: expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: Ed. USP, 2005, pp. 45-96.

MOURA, Flávio Alexandre Nico. *A Propaganda no Estado Novo: uma abordagem de ensino/aprendizagem construtivista e cooperativa*. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Coimbra: Universidade de Coimbra, 2018. Disponível em: <https://eg.uc.pt/handle/10316/81905>. Acesso em 14 ago 2021.

PEREIRA, Victor. *A ditadura de Salazar e a emigração: o Estado português e seus emigrantes em França (1957-1974)*. Lisboa: Temas e Debates, 2014.

\_\_\_\_\_. “O milhão que votou com os pés”. *Diário de Notícias*. 2014, p. 12. Disponível em: [https://www.academia.edu/6795954/O\\_milh%C3%A3o\\_que\\_votou\\_com\\_os\\_p%C3%A9s](https://www.academia.edu/6795954/O_milh%C3%A3o_que_votou_com_os_p%C3%A9s). Acesso em 12 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. “Do povo à comunidade: os emigrantes no imaginário português” In: NEVES, José (org.). *Como se faz um povo: ensaios de História contemporânea de Portugal*. Lisboa: Tinta da China, 2010, pp. 139-153.

PRIGENT, Christian. *Para que poetas ainda?* Trad. Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2017.

ROSAS, Fernando. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”. *Análise Social*, v. XXXV, 2001, p. 1031-1054. Disponível em: <https://analisesocial.ics.ul.pt>. Acesso em 14 ago. 2021.

\_\_\_\_\_. “O salazarismo e o homem novo: ensaios sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo nos anos 30 e 40”. In: TORGAL, Luís Reis; PAULO, Heloísa. *Estados autoritários e totalitários e suas representações*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2008, pp. 31-48.

SILVA, Sofia de Sousa. “Ruy Belo: harmonia de forças opostas”. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, 2012, pp. 118-126. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/441455>. Acesso em 02. dez. 2021.

VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. [1887]. Lisboa: Projecto Adamastor, 2013.